

NOTA DE ABERTURA

OS TRANSPARADIGMAS DA MÍDIA: QUANDO O HOMEM DE PAQUETA SURGE NO ELEVADOR DA ALTERIDADE

Philippe Joron

Não poderíamos estar vivos sem passarmos pelo nascimento contínuo do trajeto existencial, a cada instante, em função das múltiplas experiências moldadas pelas provações, pela vontade, pela sorte e alguns sofrimentos em suplemento. Mas não basta viver, é preciso também existir ou seja, ser reconhecido segundo suas peculiaridades, qualidades e competências, mesmo se são modestas. As ciências são assim feitas do mesmo material que os homens que as constituem.

Toda a disciplina científica envolvida com problemáticas humanas e sociais, que seja historicamente constituída ou recém-nascida do ponto de vista da sua formalização acadêmica, sempre examina seu grau de adequação e de ótica em relação aos fatos mundanos e às tendências ecosóficas que ela pretenda explorar. A sociologia e as ciências da comunicação não escapam desta autoavaliação imposta pela vida cotidiana, já que partilham com ela objetos, referências e métodos, apesar dos delineamentos nas fronteiras que asseguram a manutenção dos territórios reivindicados.

Existe uma vontade de cooperação nas áreas da comunicação social e da sociologia dos imaginários que poderia ser entendida em termos de miscigenação dos conhecimentos e de transculturação dos pontos de vista disciplinares. Esses elementos de linguagem emprestados à antropologia não significam um nivelamento das diferenças ou a revocação das inscrições identitárias no plano epistemológico (referenciais teóricos e metodológicos). Eles remetem, por outro lado, para um debate permanente sobre os posicionamentos dessas duas disciplinas (comunicação social e sociologia) e ao nível de benefício das perspectivas em comum, debate que se encontra também no seio de cada área científica entre sensibilidades mas ou menos concorrenciais. Se este debate contraditório é, por vezes, perturbado, seja localmente, seja no plano nacional por questões de influência, ou até mesmo de sobrevivência disciplinar (editais nos concursos para vagas

de professores, valorização das ofertas de formação, demarcação das fronteiras disciplinares, classificação na avaliação das universidades), ele se torna mais produtivo quando se leva em consideração a internacionalização das perspectivas. Miscigenação dos conhecimentos e transculturação das referências participam, assim, dos nossos modos de compreender e de viver o mundo de hoje, resgatando o de ontem, lineamentos históricos sem os quais não existiriam perspectivas.

Todo tipo de reflexão sobre comunicação, no sentido amplo da palavra, elabora-se em função de eixos paradigmáticos do tipo construtivista, necessariamente em movimento, tendo por bases elementos fixos de orientação, envolvendo conceitos que o debate disciplinar, à imagem da vida cotidiana, compreende como sendo dicotômicos, tais como:

1. Simbólico/Conceito; Realidade/Real;
2. Imaginário/Real;
3. Eu/Outro; Similar/Diferente; Homogeneidade/Heterogeneidade;
4. Distante/Próximo; Horizontalidade/Verticalidade;
5. Duração/Instantaneidade; Instante/Eternidade;
6. Verdadeiro/Falso; Noumeno/Fenómeno;
7. Entidade individual/Mundo Social – Único/Plural;
8. Comum/Extraordinário.

Assim o “filósofo”, aquele cuja tarefa social consiste em pensar o mundo, seus objetos e relações dentro dos preceitos científicos promulgados pela sua comunidade moral, trabalha os mesmos materiais, com os mesmos métodos utilizados pelo “homem do cotidiano” (Berger & Luckmann, 1989). Sabemos que as conversas de bar podem ser polêmicas, com firmeza nos posicionamentos respectivos, no decorrer das horas que embaraçam os espíritos. Mas o relativismo dos pontos de vista e a compreensão mútua sempre estão por perto. O consenso tem suas lógicas e interesses, sempre levando em conta as considerações, os atritos do conflito.

Enquanto sociólogo, formado também em antropologia, tendo interesse na área de comunicação social, sempre considere estas formas de dualismo do ponto de vista dos fatos sociais e, conseqüentemente, dos fatos comunicacionais. Enquanto homem do cotidiano, o pesquisador fica nas trilhas do relativismo em busca de ajustamentos necessários ao relevo da vida como ela é, considerando o famoso “jeito brasileiro” como uma simples (mas complexa) peculiaridade do

conjunto de filosofias e práticas universais envolvidas numa adaptação necessária ao decorrer de uma vida que não espera por ninguém.

Para mostrar a relevância destes eixos de referência, em conformidade heurística com as nossas preocupações disciplinares, adequando-se com os sigilos da vida social e comunicacional, relatarei aqui duas histórias de vida, sem relação aparente entre elas, que ilustram o entrelaçamento dessas diversas dimensões existenciais. Dimensões que podemos considerar como sendo apenas especulativas, mas que são elementos constitutivos, em estado de combinação ou constelação, da espessura do cotidiano, das nossas vidas reais e imaginárias. São histórias leves, sem grande importância no plano acadêmico, que exemplificam portanto o peso da condição humana, mas também sua fluidez contingencial.

1. O Homem de Paqueta

A primeira história é conhecida por quatro ou cinco pessoas como sendo aquela do Homem de Paqueta. O relato desta história é verdadeiro, mesmo se for possível emitir algumas dúvidas ou reservas, nem tanto sobre a realidade dos fatos, mas sobre as interpretações produzidas pelos protagonistas.

Uma amiga muito querida, que faleceu há alguns anos, médica em clínica geral e psiquiatra, doutorada em antropologia e professora de medicina na UFPE em Recife, me contou esta história que ocorreu nos meados dos anos de 1980 enquanto ia visitar a Ilha de Paqueta no Rio de Janeiro.

No barco que a levava para a ilha, um homem se mantinha na proa, de pé, estranhamente imóvel durante toda a travessia, portando um tipo de capacete para moto, extremamente moderno para a época. Ele não parava de olhá-la. Uma vez que o barco acostou, o homem desapareceu e ela não o encontrou mais durante toda sua estadia em Paqueta.

Apesar de ter ficado perplexa naquele momento que parecia uma eternidade, ela esqueceu esta história durante muitos anos. Até que um dia, dez anos mais tarde, indo assistir a uma palestra no Recife dada por um professor de medicina muito famoso, algo de inusitado aconteceu. No final da palestra, enquanto se dirigia para a saída do local, escutou alguém chamar por seu nome. A pessoa entregou então para ela um cartão escrito pelo palestrante dizendo que gostaria de conhecê-la e que tinha um recado de um amigo em comum. Totalmente surpresa, uma vez que não conhecia o palestrante, retornou ao salão e, após as apresentações, ele

perguntou à minha amiga se se lembrava do Homem de Paqueta. Incomodada com esta situação pelo menos estranha, perguntou como ele podia conhecer seu nome e esta história que tinha acontecido há dez anos atrás. O conferencista se apresentou então como um contato, como alguém encarregado de lembrar a existência do Homem de Paqueta que era um extraterrestre, tendo-a escolhido a ela para que se soubesse que existiam outras formas de vida observando a agitação terrestre.

Esta história totalmente surrealista e inacreditável suscita alguns questionamentos sobre o entrelaçamento do real e do imaginário, principalmente se consideramos a total adesão da minha amiga à racionalidade científica e às suas exigências.

2. O elevador da alteridade

Passamos agora à segunda história, muito mais credível já que além de mim, três outras pessoas testemunharam dos fatos ocorridos.

Na manhã do sábado 14 de novembro de 2015, no hotel em que eu estava hospedado com outros professores da Universidade Paul-Valéry de Montpellier, no centro da cidade de Porto Alegre no Brasil, encontrei minha colega socióloga na recepção. Com uma certa hesitação ela me avisou que tinha acabado de ver um homem totalmente nu no corredor do 7º andar e logo depois dentro do elevador principal. Diante do inusitado da situação e enquanto eu me perguntava com uma certa dúvida sobre o teor do que realmente ela havia percebido, o elevador chegou no térreo. Abriram as portas e vi um homem completamente nu, com as mãos escondendo o seu sexo. Já as portas se fecharam com o homem no interior. Decidi então avisar a recepcionista do hotel que visivelmente duvidava de mim como já havia feito com outra colega minha. Fomos todos juntos em direção do elevador que desceu de novo, abrindo as portas. Ainda estava lá o homem nu, olhando seus pés. O elevador subiu e desceu três vezes em seguida.

Parámos então o elevador e fui falar com o homem que não soube precisar os números do andar e do quarto que ele ocupava. Muito envergonhado com a situação, ele não parava de repetir: “sei que pareço um criminoso, mas não sou”. A única resposta que consegui formular na ocasião foi a seguinte: “você tem razão, tudo é apenas uma questão de aparência”.

Essas duas histórias nada têm a ver entre elas. Os contextos são diferentes, tanto quanto os protagonistas e os conteúdos das narrativas. A única relação que

existe, ao nível dos fatos rugosos que presenciei, é a pergunta que eu me fiz de maneira imediata quando vi o homem nu naquele hotel do centro da cidade de Porto Alegre: “Será que é o Homem de Paqueta que está agora naquele elevador?”.

Comunicando sobre esses fatos, lanço no ar, com o apoio das tecnologias da mídia, alguns suportes de entendimento relacionados ao que está em jogo num processo comunicacional midiático: Porquê comunicar? Será que a comunicação entre duas ou várias entidades (seres, homens, máquinas, deuses) está condicionada por um estado de diferença ou de estranheza entre elas? Ou, pelo contrário, será que é necessária uma condição de similaridade para que se realizem formas de comunicação? Afinal, o que me fez pensar no Homem de Paqueta naquela hora?

Se o imaginário é real de modo inevitável, por sua vez o real nutre-se passo a passo com alimentos imaginários que complementam as nossas percepções do mundo em que evoluímos. Mas quando comunicamos entre nós, apesar do nível de conhecimento mútuo que possibilita a identificação de cada uma das partes, será que o imaginário está fora do jogo?

Um esboço de resposta pode ser encontrado no que defini alguns anos atrás como sendo a alterologia (Joron, 2006, pp. 16-19) ou seja, o estudo das alterações comunicacionais, ou melhor o estudo das identificações alterantes que sempre deslizam num espaço-tempo repleto de asperidades, provocando acidentes de percurso que contribuem para a estética da existência.

Em alguns trabalhos precedentes, salientei o papel central da comunicação na obra de Georges Bataille (Joron, 2013, pp. 271-287). Basta aqui ressaltar uma análise do autor sobre os seres descontínuos: “Um homem colocado no meio dos outros fica irritado por saber que ele não é um dos outros” (Bataille, 1970a, p. 82). Isso quer dizer que somos evidentemente diferentes, mesmo sendo similares. A vida acompanha o cumprimento dessas discontinuidades que se chocam entre si à procura de uma transformação realizável por meio das produções do imaginário.

Esta irritação inicial a respeito da “diferença não explicável” entre dois ou vários seres, mas também entre o homem e o mundo, o sujeito e o objeto e assim por diante, replica o que Georges Bataille chama de “princípio de insuficiência”, quer dizer uma falta constitutiva do homem em relação ao que contradiz suas pré-formas físicas, intelectuais, morais, etc. Para Bataille, “o homem é o que lhe falta” (Bataille, 1970a, p. 419).

Na ocasião do XIII Seminário Internacional de Comunicação Social organizado pela PUCRS em Porto Alegre, em novembro de 2015, foi relembrado o conceito de “fronteira última”, desenvolvido por Regis Dubray (Debray, 2011).

Aplicada à alteridade comunicacional, esta concepção da fronteira é flutuante, assim como revela o horizonte de um absoluto impermeável às percepções das representações que se tem do outro e de si-mesmo.

Sabemos que a existência do homem, ainda mais quando recebe um tratamento midiático, reveste-se de um significado maior, mais incorporado, na realização das suas margens, na exploração dos seus limites, na extensão das suas fronteiras convencionais, na busca de outros horizontes desconhecidos.

A mídia, por meio das suas revoluções tecnológicas, modifica radicalmente os parâmetros de identificação dos eixos paradigmáticos em função dos quais organiza-se a elaboração do ser humano dentro do seu ecossistema.

A transmídiação das mensagens e das imagens multiplicam as janelas do mundo, multiplicação exponencial que entendo como uma espécie de *defenestração*, no sentido em que os contornos das janelas se desfazem, possibilitando assim a copulação comunicacional dos seres entre ele e com o mundo: mundo dos outros, mundo de si-mesmo.

Assim, tínhamos por hábito de apreender a mídia convencional (imprensa, televisão) como uma abertura dando para o mundo, para a vida, cujo enquadramento telegênico estava à altura das nossas expectativas perante as nossas condições de existência. Nos foi dito o que ver, seguindo determinadas óticas, e o mundo visível se resumiu a um único foco cênico. Hoje não existem mais muros que mantenham as tais aberturas do mundo hiperglobalizado, cujo estado de sobre informação torna tangíveis suas inúmeras rupturas. Jean Baudrillard compreendia este novo dado comunicacional em termos de promiscuidade imanente e de conexão perpétua dos quais a figura metafórica do esquizofrênico daria conta: “O que o caracteriza é menos a perda do real, como se costuma dizer, do que a aproximação absoluta a esta instantaneidade total das coisas, a esta sobre-exposição à transparência do mundo. Desprovido de toda a cena e atravessando-a sem obstáculo ele já não pode mais produzir os limites de seu próprio ser, ele não pode mais produzir-se como espelho. Ele torna-se tela pura, superfície pura de absorção e de reabsorção das redes de influência” (Baudrillard, 1987, pp. 24-25).

As perspectivas que hoje se nos oferecem defloram um mundo sobredimensionado, provedor de todas as nossas fantasias, mesmo as mais monstruosas. Corrente de ar, provocada pela decomposição dos quadros midiáticos convencionais que introduz deste modo uma nova prática comunicacional, irremediável: a defenestração, quer dizer o apelo ao vazio ou mais precisamente a fascinação por aquilo que Georges Bataille compreendia em termos de “intimidade perdida”

(Bataille, 1973) e de “continuidade” (Bataille, 1987, p. 27) originária: colar-se ao mundo num acoplamento vital, tal a lama colando à lama, como a água dentro da água. Tal como anunciava Jean Baudrillard em 1976 no *Echange Symbolique et la Mort*, vivemos a “alucinação estética da realidade” (Baudrillard, 1976, p. 114) por meio da mídia.

De acordo com a sensibilidade fenomenológica de Edgar Morin, exposta em sua *Anthropologia do Conhecimento*, navegamos em uma zona de penumbra real, a partir de uma banda mediana de percepção: “além desta penumbra nós adivinhamos, sob a forma de desdobramento, um Real que, embora seja reconhecido pelo pensamento, excede o pensável” (Morin, 1986, p. 216). Se o Real midiático excede os nossos modos de pensá-lo é porque ele é constituído por ambivalências que agem sobre nossa maneira de tratá-lo em termos de produção e de recepção.

O imaginário social alimenta a temporalidade do real, perturbando assim a identificação do passado, do presente e do futuro. Essas alterações ou ambivalências contínuas são o combustível deste real midiático que assume cada vez mais um estatuto heterológico (o outro, o estranho, o monstruoso) (Bataille, 1970b, p. 61): um real que funciona a partir dos princípios da “dissimultaneidade” e da “não-contemporaneidade”, como formulados pelo filósofo marxista Ernst Bloch (Bloch, 1978).

Finalmente, em cada um de nós, hiperrealizado na sua transparência midiática, explora-se o seu Homem de Paqueta à busca da sua “Garota de Ipanema”, e vice-versa, subindo e descendo o elevador dos seus desejos e das suas frustrações, das suas realizações sempre incompletas; abrindo e fechando as portas da alteridade, apertando os botões da *abialidade* (“abialité”), isto é, da existência repleta do olhar do outro, apesar do outro, sempre espelhando as provocações da sua própria existência.

Tradução: Clélia Pinto

Nota biográfica

Professor de Sociologia na Universidade Paul-Valéry de Montpellier, em França, é Pró-reitor dos Assuntos Acadêmicos e Diretor da Faculdade de Ciências do Sujeito e da Sociedade. É investigador no LERSEM-IRSA. Últimas publicações: *A vida improdutiva. Georges Bataille e a heterologia sociológica* (2013, Porto Alegre:

Editora Sulina); *La fête à pleins bords. Bayonne: fêtes de rien, soif d'absolu* (2014, Paris: CNRS Éditions); *La vie improductive. Georges Bataille et l'hétérologie sociologique* (2009, Montpellier: Pulm); *Violences et communication* (2006, Montpellier: Cahiers de l'IRSA). Contacto: philippe.joron@univ-montp3.fr

Referências bibliográficas:

- BATAILLE, G. (1970a). *Ecrits posthumes 1922-1940*, Œuvres complètes. Paris: Gallimard.
- BATAILLE, G. (1970b). *La valeur d'usage de D.A.F. de Sade*, Œuvres complètes. Paris: Gallimard.
- BATAILLE, G. (1973). *Théorie de la religion*. Paris: Gallimard.
- BATAILLE, G. (1987). *L'érotisme*, Œuvres Complètes. Paris: Gallimard.
- BAUDRILLARD, J. (1987). *L'autre par lui-même. Habilitation*. Paris: Galilée,
- BAUDRILLARD, J. (1976). *L'échange symbolique et la mort*. Paris: Gallimard.
- BERGER, P. & Luckmann, T. (1989). *La construction sociale de la Réalité*. Paris: Méridiens-Klincksieck.
- BLOCH, E. (1978). *Héritage de ce temps*. Paris: Payot.
- DEBRAY, R. (2011). *Éloge des frontières*. Paris: Gallimard.
- JORON, P. (2006). Do copyright à co-pirataria comunicacional da violência, Dossiê França: mídia e violência. *Revista FAMECOS*, n° 29, Porto Alegre, 16-19.
- JORON, P. (2006). A comunicação sacrificial. *Revista FAMECOS*, N° 29, 122-134.
- JORON, P. (2013). A soberania do mal: Georges Bataille e a inocência culpada da literatura. *Intercom – RBCC*, 36(1), 271-287.
- MORIN, E. (1986). *La Méthode. Tome 3, La Connaissance de la Connaissance*. Paris: Seuil.